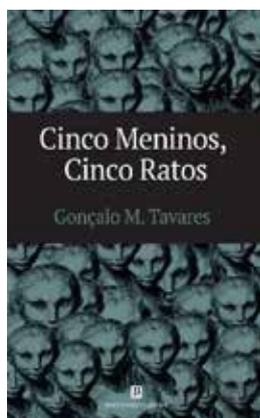


**TAVARES, Gonçalo M. Cinco Meninos, Cinco Ratos. Lisboa:
Bertrand Editora, 2018.**

**TAVARES, Gonçalo M. Cinco Meninos, Cinco Ratos. São Paulo:
Dublinenses, 2019.**

Kairo Lazarini da Cruz^{1}*



Falar de ficção portuguesa contemporânea e não esbarrar com o nome de Gonçalo M. Tavares torna-se cada vez mais difícil. O professor universitário de 49 anos estreou com o livro de poemas **1**, em 2001, e, desde então, publica assiduamente. Seja pelo número de obras lançadas, que já ultrapassam a casa dos 40 títulos, ou pela vasta rede de traduções, que alcança mais de 50 países, ou ainda pela sua excentricidade e versatilidade de estilo, que o leva a transitar pelos diferentes gêneros da escrita literária, é fato indiscutível que o autor de *Uma Viagem à Índia* (2010), um dos seus livros mais aclamados pela crítica, vem edificando-se como um dos mais renomados e representativos escritores da literatura portuguesa contemporânea. Faz-se comum, inclusive, encontrar na contracapa de algumas de suas edições aquelas palavras de José Saramago: “Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35

1 * Licenciando em Letras (Português-Espanhol) pela UFSCar, onde desenvolve Pesquisa de Iniciação Científica sobre a obra ficcional de Gonçalo M. Tavares, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCar), com Bolsa FAPESP (2019/06700-0).



anos: dá vontade de lhe bater”.

A literatura gonçaliana pode por vezes definir-se pelo uso de tons obscuros e intensos. O autor aborda com frequência temas como o a melancolia e o tédio, a loucura, a violência, a morte e o suicídio, pitando cenários e personagens envoltas em um ambiente de conflitos políticos, psicológicos, morais e bélicos. Suas obras dividem-se em blocos, como *O Bairro*² e *O Reino*³, por exemplo, em que se organizam diversos romances pertencentes a um mundo ficcional temático ligados por um algum tipo de eixo em confecção, e que se encontra de fato, em plena expansão. Nesse vasto conjunto, surge **Cinco Meninos, Cinco Ratos**, em Portugal, sob a chancela da Editora Bertrand, em outubro de 2018; e, no Brasil, pela editora Dublinense, no ano seguinte. Em seguimento à mais nova série do escritor, nomeada *Mitologias*, **Cinco Meninos, Cinco Ratos** figura como a segunda *mitologia*, sucedendo **A Mulher-sem-cabeça & o Homem-do-mau-olhado** (2017), primeiro livro deste novo universo literário que se inicia.

Nessas *Mitologias*, estabelece-se um universo que se estatui paralelamente ao nosso. A mistura, ora do fantástico, ora do maravilhoso das lendas – há uma mulher literalmente sem a cabeça –, e a palpável violência, tão reconhecível no mundo real, resulta numa efabulação mítica muito verossímil ao manter-se rente à truculência contida nas cenas de assassinato e execuções.

Talvez esses sejam os maiores signos desses “novos” contos de fadas do século XXI, pois, trata-se de um mundo perverso, um lugar onde a fantasia constitui a mais pura realidade, ao valer-se do maravilhoso como forma metafórica, capaz inclusive de discutir aspectos sociais, econômicos e culturais de um povo, tal como postula Câmara Cascudo (*apud* COELHO, 1987, p.6): “De todos os materiais de estudo, o conto popular maravilhoso é justamente o mais amplo e mais expressivo [...] revela formação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos.”

Em meio aos mitos e às lendas, como as do Lobisomem ou a do Caçador – como na versão de Charles Perrault, na conhecida trama de “Chapeuzinho Vermelho” –, em **Cinco meninos, Cinco Ratos**, as personagens (a Mulher-sem-cabeça, o Homem-do-mau-olhado, o Caçador, o Homem-Com-a-Boca-Aberta, O Comboio, O Povo-Amaldiçoado e o Homem-Mais-Alto) causam aproximações paralelas com figuras muito vívidas na memória coletiva, como o “Homem do Saco”, por exemplo, típico de algumas lendas do interior de São Paulo, ou, ainda, a menção contida do *sem cabeça*, fazendo uma referência direta à **Lenda do Cavaleiro sem Cabeça (The Legend of Sleepy Hollow, 1820)**, do escritor norte-americano Washington Irving. Entre tantas

2 O Bairro: *O Senhor Valéry e a lógica; O Senhor Henri e a enciclopédia; O Senhor Brecht e o sucesso; O Senhor Juarroz e o pensamento; O Senhor Kraus e a política; O Senhor Calvino e o passeio; O Senhor Walser e a floresta; O Senhor Breton e a entrevista; O Senhor Swedenborg e as investigações; O Senhor Eliot e as conferências*. Lançados entre 2002 e 2010.

3 O Reino: *Um Homem: Klaus Klump, A máquina de Joseph Welser, Jerusalém, Aprender a Rezar na Era da Técnica*. Lançados de entre 2003 e 2007.

outras figuras pitorescas, estão lá os cinco meninos, único ponto a que a dita realidade se agarra, se é que, em algum momento, seja possível nela confiar.

Em **Cinco meninos, cinco ratos**, há o convite para um mergulho de cabeça naquele mundo mitológico. A verossimilhança mistura-se num intenso confronto entre o imaginário e os aspectos reais da realidade, resultando numa mistura perversa entre os dois. Um dos casos mais flagrantes, nesse sentido, é o da ideia dúbia de um movimento liderado pela personagem Gigante (Homem-Mais-Alto) chamado de Revolução: “E aquela Revolução trazia algo novo: bem mais forte e assustador do que o cavalo ou a arma de fogo, esta Velocidade conseguira, em pouco tempo o que os mais fortes animais e armas não haviam conseguido” (TAVARES, 2018, p.32).

Apesar da opacidade identificada é perfeitamente possível a compreensão de alguns pontos e pistas que vinculam aquele mundo ao nosso. Seja por aspectos técnicos da modernidade, ou pela familiaridade dos acontecimentos em **Cinco Meninos, Cinco Ratos**, é notória a criação de paralelos entre o enredo da obra e fatídicos acontecimentos da história moderna.

Estão representados de maneira geral no romance práticas de extermínio em massa como as que ocorreram na 2ª Grande Guerra Mundial. Além disso, há a presença de outro forte conflito que faz alusão ao período em que se edificou o Muro de Berlim na Alemanha, que não apenas cindiu a capital, entre o ocidental capitalismo norte-americano, e o oriental socialismo soviético, como também instalou um clima temor global diante da ameaça nuclear da Guerra Fria vide os avanços tecnológicos da época.

Na narrativa essas traços aparecem muito bem interligados entre o e primeiro plano do enredo – o percurso percorrido pelas personagens principais que estão em fuga- e a história que se segue em retrospecto em segundo plano, e que narra cenas de perseguição e extermínio de determinado povo pelo que podemos supor que seja uma espécie de formação militarizada: os Combatentes.

Há um grupo de pessoas chamado de Homens-Com-a-Cabeça-Perto-do-Chão, que são descritos como “[...] um grupo que não precisa de ser marcado [...] Podiam fugir, correr muito, esconder-se, tentar mudar de rosto, por meio naturais e artificiais, ensaiar uma nova forma de anda, mais hesitante, mudar de profissão, de zona da cidade- nada adiantava. Seriam sempre reconhecidos. Seriam sempre os de Homens-Com-a-Cabeça-Perto-do-Chão” (TAVARES, 2018, p.29). Estes são feitos prisioneiros ao serem tirados de suas casas e submetidos ao sofrimento por inanição, até que os Combatentes, quebrem seu jejum para em seguida enfiar uma única bala em suas cabeças, jogando seus corpos sem vida num profundo poço.

Um trecho da parte 5 do capítulo III expressa a execução em massa de determinado grupo social, sem maiores detalhes sobre este. Fato é que, remetendo aos campos de concentração e extermínio do Holocausto, o assassinato dos Homens-Com-a-Cabeça-Perto-Do-Chão parece

sugerir a loucura e a irrealidade de tal situação, ao mesclar fantasia e realidade histórica, reconhecida no ato da execução sumária de seres humanos: “Numa única noite recolheram centenas de Homens-Com-a-Cabeça-Perto-do-Chão. Foram transportados nas camionetas a grande Velocidade. [...] No destino havia comida para todos. [...] Eis o destino. Estavam com fome, e ali estava a comida. [...] A seguir, os Homens-Com-a-Cabeça-Perto-do-Chão, um a um, eram conduzidos por um Combatente armado com uma pistola. [...] Cada Combatente disparava uma bala na cabeça do Homens-Com-a-Cabeça-Perto-do-Chão e atirava-o ao Poço” (TAVARES, 2018, p. 35-36).

Quanto à trama, esta poderia ser resumida e maneira sucinta: existem quatro crianças que ao fugirem - não se sabe ao certo de onde- estão perdidas numa floresta à procura da quinta, que, não por acaso, é a bebê Anastácia, irmã mais nova de Alexandre, Olga, Tatiana e Maria. Acontece que o jovem psicótico e moribundo Moscovo e seu Bando estão também em busca de Anastácia com a intenção de assassiná-la, pois a pequena criança teria escapado dos jogos comemorativos de aniversário de 18 anos do perseguidor Moscovo. Um jogo de iniciação ao assassinato, chamado de “cabra-cega”, assume contornos de consequências trágicas, posto que este consiste em disparar tiros a esmo pelo salão repleto de convidados. Ao final, todas as personagens se encontram numa apoteose maníaca, que coroa um final trágico. Durante as 213 páginas (da edição portuguesa), o leitor depara-se com vinte capítulos, subdivididos em pequenas cenas que não se alongam demasiado. São como *takes* de um *western*, nos moldes dignos de um Clint Westwood, em que a câmera captura a ação de longe. São cenas secas, áridas, por vezes, claustrofóbicas e sangrentas.

Cinco meninos, cinco ratos revisita cenários e personagens reconhecíveis pelo leitor conhecedor da tradição oral dos contos lendários dos irmãos Grimm. É, pois, a presença flagrante de crianças indefesas e de figuras de perigo – como Moscovo e seu Bando, por exemplo –, junto com a atmosfera de mistérios e misticismos, que vai se acumulando em meio a cenários que convergem na mesma revisitação dessa atmosfera lendária (*stricto sensu*), que indicam a ancoragem ao fabuloso. Contudo, para além da revisitação, existem elementos do mundo contemporâneo que exalam dessas *Mitologias*, e que pervertem seu final feliz.

A tecnologia, a medicina, o câncer (o tumor maligno de Moscovo), a loucura e a ciência, de maneira geral, são temas recorrentes na obra de Gonçalo M. Tavares, que também se fazem presentes em **Cinco meninos, cinco ratos**, compondo uma parte integral dos mistérios e das ameaças desse mundo tão pitoresco. No lugar de criaturas fantásticas e de monstros terríveis, a junção do real, do imaginário, do humano, do tecnológico e do animalesco, figura como elementos centrais destas *mitologias*, e criam novas quimeras, como, o medo do Comboio, veículo a trilhos que se move a uma velocidade inimaginável, que é capaz de enlouquecer o sujeito são e curar talvez o insano. A Velocidade, símbolo indiscutível da modernização, funciona como um “bicho-papão” não insólito, mas tão palpável quando um arma de guerra, repressão e tortura: “Se alguém perturbava era ameaçado com o Comboio [...] Para punições

mais leves usava-se o Comboio da linha mais curta, para as punições mais graves o da linha A-B. E nada acontecia dentro do Comboio. O castigo era apenas a Velocidade” (TAVARES, 2018, p.34).

Ora, se essas novas lendas podem ser compreendidas na multiplicidade própria do romance, há um espaço para a curiosa exaltação da avestruz Come-sem-fome, que surge não somente como animal de estimação, mas também como amiga e acompanhante de viagem de Ber-lim. Come-sem-fome é tratado pelas outras personagens quase como um ser humano, em virtude da racionalidade sádica da enorme ave, que literalmente come, até mesmo quando está sem fome, o cérebro de suas vítimas. Esses traços mistos, que orbitam entre animália e humanidade, chamam a atenção para a linha tênue entre humanidade e bestialidade, proposto ao longo da obra.

No volume da edição portuguesa, na arte da capa, realizada por Rachel Caiano e Ana Lua Caiano, a reprodução de uma litografia onde se repetem as presenças de um homem e de um gato, num fundo de tonalidades azuis e verdes. A gravura pertence, originalmente, ao conjunto de litografias intituladas “Fisionomias”, do pintor Charles Le Brun (1619-1690), classicista francês do século XVII. As obras mesclam traços da fisionomia humana com os da de outras espécies animais.

Com essas associações, segundo o colunista Yang Li, no artigo intitulado *As fisionomias animais dos humanos na visão de Charles Le Brun*, publicado website **Cúlti & Pópi** em 2014, Le Brun acreditava que se uma pessoa possuía características semelhantes a um animal, provavelmente, “essa pessoa teria as caraterísticas do caráter daquele animal. Por exemplo, uma pessoa que se assemelhasse a um leão teria a qualidade feroz daquele animal”. Nesse sentido, essas obras, apresentam fisionomias que compõem um campo de estudo resgatado da Antiguidade Clássica, via leituras realizadas durante o século XVII, e que investigava não só as características físicas da fisionomia humana de maneira estética, mas que, a partir delas, aprofundava suas linhas de análise, intentando responder a questões condizentes à essência e à alma do indivíduo. Assim, objetivavam esclarecer e explicar questões concernentes à formação do caráter humano: o pensamento, a afetividade e a sensibilidade, por exemplo, tudo através da sua fisionomia.

A Litografia que ilustra a capa da edição portuguesa traz o homem-gato repetidas vezes. Longe de representar Alexandre, Maria, Olga, Tatiana e a bebê Anastácia, o que efetivamente não acontece, a ilustração sugere a animalidade dos seres humanos neste universo mitológico que rasura a lógica dos contos de fadas, pois não só organiza os “vilões” como monstros, mas por intermédio da perversidade sádica e corrosiva inerente àquele mundo enxerga o mundo da mesma forma. A imagem da capa, metaforicamente expressa algo que se encontra no íntimo do antagonista Moscovo, que persegue sua presa, sempre obstinado, arisco e receoso por vezes, a custo de preparar as suas ações com perfeição e minudência.

Por outro lado, os cinco irmãos em oposição a Moscovo não apresentam ainda características tão marcadamente definidoras. Elas são o que são – crianças. Seus corpos ainda não cresceram e nem seus caracteres se definiram, assim como suas fisionomias. Parece ser o contato com tempo vivido naquele mundo e as relações sociais, as quais se estabelecem entre as personagens, o fator decisivo para a formação de um indivíduo, tal como vemos no capítulo XVII, parte 1 (“Jogo-das-Cadeiras”), onde a perversidade e a loucura vão invadindo cada uma das crianças, como se gases tóxicos lhes subissem pelas narinas. Tendo a litografia como apoio de leitura, compreende-se o romance de Gonçalo M. Tavares pela chave da animalização dos seres humanos, ou, por outras palavras, não da transformação de homens em bestas, mas da mistura entre um e outro, propondo diálogo direto com as obras de Le Brun.

Se Moscovo se guia pelo signo do felino, os ratos surgem aos olhos do leitor, como o título muito bem sugere: **Cinco Meninos, Cinco Ratos**. Sem querer roubar o prazer do contato direto da obra ao leitor, vale destacar uma surpresa a ser observada no desfecho. Numa última reunião das principais personagens na Casa-Abandonada, o corajoso Alexandre, a curiosa Olga, a doce Tatiana, a bonita Maria e a bebê Anastácia, irão se tornar novos seres ao soprar do Vento, que “[...] provoca suicídios e loucura” (TAVARES, 2018, p. 208).

Na criação de um mundo *mitológico* onde o elemento fabuloso se mescla perfeitamente ao real, onde “[...] o número de suicídios é grande [...] pessoas atiram-se de tores [...] põem-se a frente do Comboio, pedem aos amigos que os degolem” (TAVARES, 2018, p. 209), Gonçalo M. Tavares na verdade faz um convite sedutor para a laboriosa e instigante tarefa de desvendar uma trama com tonalidades turvas, absolutamente fantasiosas, porém, assustadoramente reais em alguns aspectos, uma vez que grande parte dos elementos que compõem a trama do romance são de fato correlatos a nossa história. Assim, parecem restar dúvidas que põem em xeque a percepção do próprio ser-humano acerca de sua humanidade, mas sempre em relação a monstruosidade e a uma intrínseca e irremediável animalidade bestial.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LI, Yang. As fisionomias animais dos humanos na visão de Charles Le Brun, Blog **Cúlti & Pópi**. Disponível em: <https://www.tedioso.com/178248-tedioso-com-178248-conteudo-similar.html?fbclid=IwAR1RkV0LpqZ_CGvIaFt0rW190YonyCGJtW019JEBYRmF12UTXchZ6qLw5jY> Acesso em: 12/11/2019.

TAVARES, Gonçalo M. **Cinco meninos, cinco ratos**. Lisboa: Editora Bertrand, 2018.

_____. **Cinco meninos, cinco ratos**. São Paulo: Dublinense, 2019.